



A ESCUTA DOS IDOSOS NA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS PELA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSISTÊMICA E PELO IMAGINÁRIO

Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB/NELIM/GEPLÉ)

Elza Kioko N. N. do Couto (UFG/CNPq/NELIM)

Ricardo Sena Coutinho (UFG/ NELIM)

Resumo: Nos últimos meses a COVID-19 tem sido assunto dominante a mídia por se tratar de uma pandemia que está fazendo milhões de mortos não só no Brasil. É sabido que os idosos fazem parte do grupo de risco, aquele que pode ter complicações graves se infectado. Esta pesquisa teve por objetivo investigar como os discursos acerca do coronavírus têm interferido no imaginário dos idosos no contexto brasileiro. Para tanto, mobilizamos a Análise do Discurso Ecosistêmica (COUTO; COUTO, 2015) e a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (1989). Fundamentados nesse arcabouço teórico-metodológico, analisamos sete depoimentos de idosos com faixa etária entre 65 e 85 anos e diferentes níveis de escolarização. Ao apresentar os idosos como frágeis e descartáveis, esses discursos deixam de enfatizar o fato de que existem idosos sendo curados, idosos sendo produtivos, de que o diferente nem sempre representa um peso. Ao colocar jovens e idosos numa espécie de embate, esses discursos de medo segregam e afastam uns dos outros, estabelecendo uma relação não harmoniosa entre eles. Para a ADE, a velhice é um estado natural de continuação da vida e não um estado que antecede a morte. O idoso é um cidadão que também tem direito à vida, a uma sobrevivência digna de respeito.

Palavras chaves: COVID 19. Análise do discurso ecosistêmica; Antropologia do imaginário; Idosos.

Abstract: In the last few months, COVID-19 has been a dominant subject in the media because it is a pandemic that is causing millions of deaths not only in Brazil. It is known that the elderly are part of the risk group, the one that can have serious complications if infected. This research aimed to investigate how the discourses about the coronavirus have interfered in the imagination of the elderly in the Brazilian context. For this purpose, we used Ecosystemic Discourse Analysis (COUTO; COUTO, 2015) and Gilbert Durand's Anthropology of the Imaginary (DURAND,

1989). Based on this theoretical-methodological framework, we analyzed seven testimonies of elderly people aged between 65 and 85 years and different levels of schooling. By presenting the elderly as fragile and disposable these discourses fail to emphasize the fact that there are elderly people being healed and productive, that the different does not always represent a burden. By placing young and old people in a kind of conflict, the discourse of fear segregates and distances them from one another, establishing a non-harmonious relationship between them. For EDA, old age is a natural continuation of life, not a state that precedes death. The elderly person is a citizen who also has the right to life, a dignified survival.

Key-words: COVID 19. Ecosystemic discourse analysis. Anthropology of the imaginary. The elderly.

Introdução

A pandemia do novo coronavírus trouxe consequências devastadoras para a população idosa dos países afetados. De acordo com relatório do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos¹, as pessoas com mais de 60 anos são as mais afetadas pelos sintomas graves da Covid-19 e, conseqüentemente, são as que mais necessitam de internação e de tratamento intensivo. São elas, também, as que mais morrem em decorrência dessa doença. Isso ocorre devido ao envelhecimento natural do organismo, o que implica uma deterioração do sistema imunológico e deixa esse grupo etário mais suscetível às infecções de um modo geral. Esse quadro se agrava mais ainda quando eles já apresentam outras comorbidades, como hipertensão arterial, diabetes ou problemas respiratórios.

Diante desse cenário, desde fevereiro de 2020 estamos imersos, diariamente, em uma profusão de discursos que apontam como esse grupo etário deve se comportar durante o período da pandemia. Esses discursos normatizam uma série de cuidados que vão desde questões relacionadas à higienização das mãos e das moradias até o completo isolamento social dessas pessoas. Por conta disso, muitos idosos que moravam sozinhos foram levados para a casa de seus filhos. Aqueles que vivem em asilos foram proibidos de receber visitas e aqueles que não têm família para acolhê-los e/ou que não querem sair de suas casas passaram a contar com a boa vontade de outras pessoas para ter acesso a alimentos, remédios e outros itens de necessidade básica.

Atento a essa situação, o presente trabalho se propõe investigar como os discursos acerca do coronavírus têm interferido no imaginário dos idosos no contexto brasileiro. Para tanto,

¹ Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/wr/mm6912e2.htm?s_cid=mm6912e2_w>. Último acesso: 27 jul. 2020.

mobilizaremos a Análise do Discurso Ecológica (COUTO; COUTO, 2015) e a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand (1989). Fundamentados nesse arcabouço teórico-metodológico, analisamos os depoimentos de alguns idosos com faixa etária entre 65 e 85 anos e diferentes níveis de escolarização. A pesquisa teve por objetivo investigar como os discursos acerca do coronavírus têm interferido no imaginário dos idosos no contexto brasileiro. A referida investigação, com proposta de cunho qualitativo, configura-se como uma pesquisa de campo, definida por Gil (2008) como o estudo de um grupo ou comunidade, objetivando-se analisar a interação de seus componentes. Ainda se pauta no método indutivo, a fim de compreender os fatos e os fenômenos que se propõe conhecer, de modo a compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles (GIL, 2008).

A geração dos dados a serem analisados ocorreu da seguinte maneira: formulamos algumas perguntas e pedimos a alguém da família para que as aplicasse aos idosos e nos enviasse as respostas por WhatsApp ou e-mail. Optamos por esse procedimento devido ao isolamento social vivido por muitos dos participantes desta pesquisa. O diálogo entre o idoso e seu familiar teve a pandemia causada pelo coronavírus como tema norteador e se pautou nas seguintes perguntas: Como você está fazendo para viver essa época do coronavírus? Você está vendo as notícias sobre as mortes? O que você tem sentido? Como você vê as notícias sobre a questão de um jovem e um idoso precisar de respirador e o médico decidir dar o respirador para o mais jovem?

Este artigo encontra-se dividido em três partes: a primeira apresenta uma explanação acerca da Análise do Discurso Ecológica e da sua confluência com a Antropologia do Imaginário. Na segunda parte, trazemos os depoimentos de idosos que estão confinados nesse contexto de pandemia e discorremos sobre a noção de velhice e como ela se altera ao longo da história. Por fim, na terceira seção, desenvolvemos a questão do medo e de como os discursos sobre o medo acerca do coronavírus têm contribuído para desumanizar o idoso no contexto da pandemia.

1 Confluência entre Análise do Discurso Ecológica e Imaginário

De acordo com Couto e Couto (2015)² e Silva (2020), a Análise do Discurso Ecológica (ADE)³ é parte da Linguística Ecológica (COUTO, 2015), que, por sua vez, é uma disciplina

² Em 2015 o nome da disciplina era Análise do Discurso Ecológica (ADE). Atualmente, porém, ela passou a denominar-se Análise do Discurso Ecológica (ADE), para ficar mais em sintonia com a Linguística Ecológica de que faz parte (cf. COUTO, 2015).

³ Uma discussão atual sobre a Análise do Discurso Ecológica pode ser vista em Silva (2020).

que tem suas bases na Ecologia (biológica e filosófica). A Linguística Ecológica e a ADE se propõem estudar de que maneira os vários sentidos são gerados nas redes de interações comunicativas. A denominação dessa vertente como “ecossistêmica” decorre do objetivo de interligar os estudos do discurso a uma perspectiva dinâmica, como a que se dá dentro do ecossistema biológico e no linguístico, tanto intrínseca quanto extrinsecamente. Ao estudar um dizer ou enunciado podemos observar que ele participa de vários ecossistemas que convivem e partilham sentidos em situações diferentes, que podem ser qualquer um desses ecossistemas. O olhar para a produção de sentidos disseminados nesses ecossistemas e suas diferentes manifestações materiais possibilita entender de que forma as relações humanas acontecem e como as interações comunicativas afetam a vida de cada indivíduo. No campo da Análise do Discurso Ecológica, o investigador ao fazer as descrições dos discursos pode interpretá-las usando a teoria de acordo com os direcionamentos dados pelo *corpus*, sem se esquecer, é claro, de que o seu olhar deve ser o da visão ecológica do mundo (VEM) na interação comunicativa.

Por ser uma disciplina que olha diretamente para as interações em um ecossistema integral – constituído pelos ecossistemas naturais, mentais e socio-históricos –, a ADE propõe uma reflexão sobre os sistemas que permitem a um indivíduo ou ao coletivo produzir sentidos compartilhados socialmente e basear toda a sua vida, seus valores, atos e identidades em perspectivas que lhe são próprias. Nesse sentido, a ADE se fundamenta em dois princípios fundamentais:

- 1) defesa da vida, em todos os sentidos
- 2) essa defesa inclui a luta contra, contra a violência evitável.

Em relação às dores e aos sofrimentos evitáveis temos:

- a) dor física/natural (ferimentos, tortura física, morte), mental (tortura mental, desequilíbrio, depressão) e social (desprestígio, discriminação).
- b) graus de sofrimento/dor: um beliscão (dor física) não é tão ofensivo quanto uma tortura psicológica ou uma difamação/desmoralização.

O conceito de vida na ADE está em desenvolvimento e tem sido fruto de vários debates. Para os objetivos deste artigo, basta entender que para a ADE a vida é energia, interação que está basicamente no nível do ecossistema natural, constituído de pessoas de carne e osso, que nascem e estão à procura da própria autorrealização, têm alegrias, tristezas, vivem e finalmente morrem. São seres vivos, independentemente de especulações filosóficas sobre o que é vida. Cada um dos seres vivos do ecossistema natural da língua (seres vivos humanos) tem também uma vida mental.

ECO-REBEL

A totalidade das vidas mentais desses seres físicos interconectadas constitui a sociedade. Portanto, há também uma vida social. Em suma para ADE podemos dizer que a vida apresenta três dimensões: a vida natural, a vida mental e a vida social. Tudo isso quando dirigimos o foco para o ecossistema humano. No entanto, os humanos são uma ínfima parte da imensa interligação ecológica de todos os seres vivos do mundo.

Podemos delimitar diversos ecossistemas, como o dos lobos-guarás, o das sucuris, o das juritis, o das plantas etc. etc. Tudo que foi dito se baseou numa focalização nos humanos. Mas, como se vê na Ecologia Profunda, a vida humana não é mais importante do que a de nenhum outro ser vivo. É apenas uma questão de perspectiva. Quando vou estudar os ecossistemas linguísticos posso deixar entre parênteses provisoriamente as outras formas de vida, mas sem esquecer jamais que elas estão lá.

A vida para ADE é a capacidade de um ser de interagir com seu meio. Se quisermos falar do modo pelo qual nos relacionamos com as plantas mediante o uso de termos como “mato” e “praga”, por um lado, e “plantação” (milho, arroz, soja etc.), por outro, estamos incluindo outros seres vivos em nosso estudo, mas de modo pejorativo. Algo parecido se pode dizer em relação a nossas interações com os animais “domésticos”, “domesticados” e “selvagens”. Que valor atribuímos a eles no modo como falamos deles?

Um exemplo atual: o vírus (coronavírus) é um ser vivo ou não? Para nós isso não importa, pois como os demais seres vivos, também nós nos defendemos contra outros seres vivos que põem nossa autorrealização, nossa vida em perigo.

A ADE propõe a comunhão e a vida harmoniosa e está alicerçada numa ótica interventiva, como na Ecologia Profunda de Naess (1989), isto é, almeja desenvolver soluções viáveis para que a violência que causa o sofrimento físico, social ou mental nos seres vivos seja evitada ou reduzida ao mínimo. Trata-se de um sistema, um movimento que visa desconstruir continuamente a ação violenta e estabelecer a harmonia por meio do engajamento contra a exploração e o preconceito, contra a degradação da natureza, contra tudo que se oponha à manutenção da vida. Não é uma solução final, já que o conflito que muitas vezes gera a violência é inerente à natureza, mas um modo de combater a desigualdade que produz violência.

A ideologia da vida⁴ orienta ações específicas em favor do equilíbrio ecológico. A ação conjunta é um requisito sem o qual o desenvolvimento de uma ideologia da vida não se manteria.

⁴ A ideologia da vida ou ecoideologia paira por sobre as ideologias políticas, todas elas parciais, a fim de

ECO-REBEL

Desse conjunto de elementos que permeia a ideologia da vida, sobressai-se a ecoética e a ética do cuidado (COUTO; SILVA, 2014), ou seja, um modo de estabelecer princípios e práticas que orientem o comportamento humano em razão do desenvolvimento de uma consciência ecológica que parta de uma visão ecológica de mundo. Precisa-se assumir que, por mais que o conflito seja natural, o homem, como ser consciente, deve zelar pela manutenção do ecossistema e de todos os níveis da vida, podendo atuar como mediador da relação entre seres vivos e natureza, harmonizando ao máximo a tendência à entropia e buscando evitar a violência.

A ADE, por ver tudo holisticamente, nos permite pensar a velhice como um processo que acumula as fases de nascimento, infância, adolescência, maturidade e velhice, dependentes uma da outra, e não como uma etapa que vem simplesmente depois da outra. Assim, investigamos um sujeito idoso que, diante dos ecossistemas naturais e sociais que interferem no seu mental, vive o medo da passagem do tempo, e, conseqüentemente, da morte, seja biológica, afetiva, social ou funcional e procura conviver com isso da forma menos penosa possível. Afinal, a maneira como as informações acerca do coronavírus são transmitidas, enfatizando ao máximo que os idosos são aqueles que mais devem viver o isolamento social, faz com que eles sintam, em seu imaginário, a proximidade de seu possível fim.

Somam-se a isso questões de auto-estima⁵, de bem-estar, de sentir-se importante na teia da vida, aspectos que ultrapassam a representação desses indivíduos como seres frágeis que precisam constantemente de cuidados.

É nessa dimensão mental (ecossistema mental) que é possível estabelecer uma confluência entre a ADE e a Antropologia do Imaginário (DURAND, 1989), uma vez que é no e pelo meio ambiente mental que todo indivíduo cria um mundo de imagens que expressam os conhecimentos, os sentimentos, a racionalidade. Conforme Damásio (2000, p. 407) explica, essas imagens surgem do processo interativo do sistema cerebral criativo e imaginante, constituído por “padrões neurais, ou mapas neurais, formados em populações de células nervosas, ou neurônios”, com o meio físico, biológico e social do indivíduo. Assim, ao integrar as dimensões natural, mental e histórico-social

ter o poder de propor soluções harmoniosas (por comunhão) para conflitos ideológicos. Silva (2020) discute essa questão em relativo detalhe.

⁵ No início da quarentena devido ao coronavírus, passava um veículo no meu bairro (Jardim Goiás-Goiânia) com um alto-falante dizendo, por brincadeira, que era a “carrocinha cata-veio”, como nas antigas carrocinhas que recolhiam os cachorros que perambulavam pela rua. Mesmo tratando-se de brincadeira, o fato não deixa de contribuir para baixar ainda mais a auto-estima dos idosos.

ECO-REBEL

das percepções do sujeito, a ADE nos permite analisar a relação entre essas dimensões e o imaginário.

É seguindo essa perspectiva que se deve entender a função e a atividade da imaginação, razão pela qual Durand (1989) a descreve não apenas como uma faculdade, mas como a atividade dinâmica na qual o homem (de)forma as imagens criadas pela percepção, estabelecendo uma espécie de contrato entre psiquismo e suporte biológico. Ao dar continuidade às pesquisas bachelardianas, na década de 60, Durand (1989) precisa o sentido da noção de imaginário, distinguindo-a da de imaginação: se esta é descrita como a faculdade de perceber, reproduzir ou criar imagens, aquele é explicitado como a maneira pela qual tal faculdade é operacionalizada.

A operacionalização das imagens é denominada por Durand (1989) de *trajeto antropológico do imaginário*. A razão do emprego do termo *trajeto* se deve ao fato de este antropólogo enfatizar o processo de o indivíduo, diante da multiplicidade de imagens recebidas e conservadas em sua memória, precisar escolher e combinar algumas delas no processo constante de sua organização, interior ou exterior, visto que nós “pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos” (DELEUZE; GUATTARI, 1991, p. 259). Assim, se a imagem é a matriz do pensamento racionalizado, a função do imaginário é eufemizante e se manifesta nos e pelos imperativos biopsicopulsionais⁶ do sujeito, os quais, revezando-se com as intimações do meio social, norteiam a escolha e a articulação dessas imagens, ou seja, criam a visão particular que cada indivíduo dá aos processos de actorialização, temporalização e espacialização do mundo.

Durand (1989) denomina a manifestação do imaginário de *trajeto antropológico* não só para mostrar sua atividade dinâmica, mas, sobretudo, para evidenciar que existe uma continuidade nesse dinamismo e estruturação, continuidade que confirma realmente a imagem como matriz do pensamento racionalizado. Para ele, o imaginário é mobilizado pelo grande Mal, isto é, o medo da passagem do tempo, e, conseqüentemente, da morte, seja biológica, sensível, afetiva, social ou funcional. O imaginário, ao dar formas ao que o ser humano tem secularmente criado para representar esse medo ou mal, torna-o conhecido e, portanto, mais fácil de ser combatido ou vencido.

Como se vê, a Antropologia do Imaginário complementa a Análise do Discurso Ecológico, fornecendo-lhe cabedal para investigar a dimensão mental da linguagem e, a partir

⁶ Ver as dimensões “natural, mental e social” da Linguística Ecológica e da ADE.

dela, chegar à natural e à social. Diante de tudo isso, pretendemos, nas entrevistas apresentadas na próxima seção, observar e compreender o imaginário dos idosos à luz da ADE.

2 Idosos em confinamento

Nos depoimentos a seguir, podemos ver aflorado tudo que foi discutido acima relativamente ao sofrimento dos idosos devido à pandemia do coronavírus. Os depoimentos falam por si; nem é necessário que haja grandes explicações e interpretações. São sete depoimentos, que, inclusive, podem ser retomados para estudos de cunho psicológico. Conforme apontado anteriormente, os depoimentos coletados foram norteados pelas seguintes perguntas: Como você está fazendo para viver essa época do coronavírus? Você está vendo as notícias sobre as mortes? O que você tem sentido? Como você vê as notícias sobre a questão de um jovem e um idoso precisar de respirador e o médico decidir dar o respirador para o mais jovem?

Passemos às respostas que deram os sete entrevistados.

1) J.N., 80 anos, sexo feminino:

Eu estou na casa da minha filha, tá bom, mas eu tô com saudade da minha casa. Lá eu andava, ia no supermercado, na feira, no médico e conversava com umas velhas numa praça perto do supermercado. Agora estou na casa de minha filha, mas não posso sair mais. Eu fico triste, longe dos outros da família. Não sei um negócio que sinto no meu peito, dor de cabeça. Eu gosto de assistir notícias, mas só fala em coronavírus, não queria assistir, mas eu quero saber. Dá medo de ficar ouvindo tanta gente morrendo, medo do mundo, o que vai acontecer desse jeito. Só Deus para ajudar a gente, não podemos fazer nada né? Só Deus mesmo.

Quando eu fico ouvindo que vai dar respirador para jovem e não pra gente eu fico triste, parece que estão deixando os velhos de lado. É ruim deixar a gente de lado, não pensar na gente também. Eu ainda que tenho diabete, é pior. Eu sei que jovem precisa viver e nós velhos já vivemos bastante. Mas tenho medo da doença, porque vai sofrer, mas de morrer não. Mas eu fico triste. Fico pensando que podia ter um jeito de acabar com isso.

2) A.P., 75 anos, sexo masculino:

Estou em casa com meu filho de 8 meses, minha sogra e minha esposa. Ela é quem tem saído para fazer as compras. Afinal, somos idosos eu e minha sogra e minha esposa não está no grupo de risco.

Estou me sentindo acuado, me obrigando ao isolamento social pra evitar ser contaminado e/ou transmitir coronavírus a alguém. Como é uma epidemia, tenho medo, pelo perigo que todos, minha família e os outros corremos.

Caso haja um respirador para ser utilizado por mim idoso, ou por um jovem, sem outra alternativa, sou a favor do uso pelo jovem. A vida é uma graça muito preciosa, é bom que o jovem tenha esta chance por mais décadas.

Eu sinto mesmo é falta de o governo cuidar mais da área de saúde. Houve um Mandetta que se ocupou com o SUS... Não ficou. Em sentimento, essa situação séria extrema: jovem ou idoso.

ECO-REBEL

Eu fico triste com as duas coisas: Pôr velho e jovem como adversários; ter solução apenas para um dos dois.

3) P.R.P., 65 anos, sexo masculino:

Estou em casa quase 24h por dia. Vejo TV, acesso redes sociais, realizo algumas tarefas domésticas como lavar louça, cozinhar, e minha filha está aqui me ajudando também. No condomínio que eu moro, permitem que a gente faça caminhadas usando máscara (aqui é bem grande, mais de cem casas, temos praça etc.), então eu saio no final pela manhã e no final da tarde para dar uma voltinha com a cachorrinha que temos aqui.

Eu tenho assistido a todos os jornais possíveis. Estou assustado. Tenho sentido medo, insegurança. Ao mesmo tempo que concordo que a paralisação do comércio é ruim para muitas famílias, penso que se liberarem tudo, ficaremos numa situação pior.

Sobre as notícias de um jovem e um idoso precisarem de respirador e o médico decidir dar o respirador para o mais jovem, eu penso que as pessoas se posicionam de forma muito convicta de que é o melhor porque a população jovem é a mão de obra de um país. Mas eu estou fora dessa realidade, já sou aposentado. Espero não ter que passar por essa situação, porque eu não quero morrer, ninguém quer. O ideal seria todos terem direito e oportunidade de sobreviver nessa pandemia, mas sabemos que isso não acontece e não vai acontecer.

4) K.M, 71 anos, sexo feminino:

Eu particularmente estou bem tranquila, tomando todos os cuidados e recomendações!

Como expectadora estou vendo de tudo, histeria, medo, grande número de pessoas que não estão nem aí, vivendo livre, leve e solto.

Na minha opinião, o que acontece é para haver depois dias melhores, mundo melhor e uma lição para todos, mas só aprenderá quem estiver disposto a aprender.

Sinto falta de fazer minhas próprias compras, ter a liberdade de escolher os produtos, mesmo que eu faça a lista para meus filhos e eles deixarem na portaria de meu prédio. Sinto falta de encontrar fisicamente com amigos e família, mesmo tentando ser criativa.

Se eu precisar de um respirador onde só tiver disponível um e uma pessoa bem mais jovem na mesma situação, acho mais racional dar para o mais jovem. Mas, penso com muita certeza de que se eu tiver que sobreviver, vou sobreviver com ou sem respirador.

Acho que no fundo tenho medo, pois sempre oro, sempre agradeço pela proteção divina, ao universo, mais do que medo fico curtindo as coisas boas que vejo acontecendo com a família tendo oportunidade de estar mais próximo o tempo todo (um luxo pro nossos dias atuais).

Tenho medo principalmente pelos meus filhos e netinhos, cada um com sua família, serem atingidos pelo coronavírus e não gostaria de sentir a perda de qualquer um deles e também deve ser pavoroso não sentir mais a respiração, melhor não pensar, pois isso não acrescentará em nada no meu bem estar do momento. Melhor não sofrer por antecipação, né. O futuro a Deus pertence.

5) M.B.Q, 76 anos, sexo feminino:

Eu tô vivendo em casa, fico quieta em casa, mas estou triste, vejo TV todos os dias, TV Anhanguera todo dia, e fico triste porque fico ouvindo sobre mortes, fico triste, mas não posso fazer nada, só Deus.

Fico com medo pensando nos meus pegarem e fico pensando na minha filha que mora nos Estados Unidos, fico ansiosa.

ECO-REBEL

Fico pensando nos velhos e gostaria que tivesse respirador para os dois. Minha vida não vale menos que a do jovem. Acho um descaso o que estão fazendo com a gente idoso que também é humano e gente, não concordo. Só Deus para ajudar a gente com esse vírus.

6) J.R., idade 76 anos sexo masculino:

To vivendo dentro da normalidade da própria epidemia. Estou...normal. Estou vendo as notícias, algumas me impressionam, me dão um certo medo, outras já tá dentro da normalidade. A questão do médico que deve dar respirador para o jovem, isso eu acho que não deve acontecer jamais, para um ser humano não, nem da parte do médico, principalmente um profissional como ele, não pode agir dessa forma, não pode dar preferência porque a pessoa está mais idosa e está mais comprometida com a doença. Não deve acontecer isso não. Tem que agir com consciência profissional. Tentar restabelecer o que está com mais vulnerabilidade.

7) M. R., 72 anos, sexo feminino:

Estou vivendo na pandemia, com altos e baixos, difícil. No começo foi bom, vou curtir um filminho, vou ler meu livrinho no sossego, a cidade sem barulho, sem trânsito, mas a pandemia e o seu novo corona não impede a chegada de percalços e quando esses percalços chegaram as coisas se complicaram um pouco mais. Eu não queria mais ver mais noticiário, mas como a gente é atraído pelo mal, pelas coisas ruins e isso é uma coisa interessante, por que que você sente atração por essas coisas que não são bonitas todo dia eu estava vendo o noticiário, muitas vezes eu quis ignorar o número de mortos que isso me impressionava e dava muito medo todos os dias tendo que lidar com a morte e lidar com a morte é uma coisa que ninguém sabe então eu ficava dois dias sem ver televisão mas não tinha jeito era ligar televisão e ler os noticiários e você ficar sabendo desse número 70 e tanto mil brasileiros mortos. Outra coisa. o médico escolher entre o jovem e o idoso, eu acho sim que é o retrato do país, se tivesse equipamentos, saúde para todos o médico não teria que fazer essa escolha entre os idosos e os jovens, eu até concordo que o vírus chegou e estava tudo muito desprevenido, mas olha o que o vírus fez, ele escancarou os problemas e as mazelas do brasileiro, é lamentável.

O médico não queria fazer isso, vamos pensar, não é ele que escolhe, vamos pensar que ele não queria fazer isso, é um protocolo que deve ser seguido.

Esses depoimentos revelam como a questão do medo do coronavírus está se sobrepondo ao sujeito. Temos, no cenário descrito pelos idosos, o vírus que *tomou conta de nós*, que *paralisou o mundo*, que *impediu que seguíssemos as nossas tarefas do cotidiano*, que *nos imobilizou*. Não poderia ser diferente, já que o medo sempre fez parte da condição humana, embora sua motivação se altere constantemente, de acordo com o que conhecemos ou deixamos de conhecer e com a relação que estabelecemos com os meios ambientes natural, mental, social e histórico. Certamente não estamos dizendo que, na conjuntura atual, apenas os idosos estão com medo. No entanto, acreditamos que eles sentem mais medo, angústia e tristeza porque são vistos como os que estão fadados à morte por serem biologicamente mais fracos e aqueles que já viveram e passaram a fase

ECO-REBEL

da maturidade, estando, agora, na fase da velhice e senilidade, sendo encarados, muitas vezes, como um peso no âmbito de um sistema produtivista como o capitalista.

Esse medo, em seu imaginário, não é sanado no espaço profano e sim no espaço sagrado, como apontam alguns depoentes: “Melhor não sofrer por antecipação, né. O futuro a Deus pertence”; “Só Deus para ajudar a gente com esse vírus”; “Só Deus para ajudar a gente, não podemos fazer nada né? Só Deus mesmo”; “fico ouvindo sobre mortes, fico triste, mas não posso fazer nada, só Deus”. O medo, aqui, não é garantidor de integridade do corpo físico exatamente como deseja a ADE (COUTO; COUTO, 2015), mas surge devido à irrupção do coronavírus causada pela excessiva intervenção humana na natureza não humana e à construção de um feixe discursivo que apresenta as pessoas idosas como descartáveis.

Ainda que muitos avanços tenham sido alcançados com a contribuição de diferentes estudos sobre o envelhecimento e mais consciência, no Brasil ainda se valoriza muito mais a juventude e a tecnologia. De modo geral, os idosos estão sujeitos à *velhofobia*, no dizer da antropóloga e escritora Mirian Goldenberg, professora titular do Departamento de Antropologia Cultural do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em entrevista à BBC News Brasil⁷. “A pandemia de coronavírus que se alastrou pelo mundo e chegou ao Brasil evidenciou a ‘velhofobia’ de parte da população, para a qual os idosos são considerados um peso para a sociedade”. Ainda de acordo com essa pesquisadora,

“Esse tipo de discurso já existia antes da pandemia: os velhos são considerados inúteis, desnecessários e invisíveis. Mas agora está mais evidente. Políticos, empresários e até o presidente da República já vieram a público dar declarações ‘velhofóbicas’”, diz Goldenberg (em março, o presidente Jair Bolsonaro chegou a defender apenas o isolamento da população idosa, e em vez da população em geral) (BARRUCHO, 2020, s/p).

Para Mirian Goldenberg, considerar os velhos inúteis é uma atitude que já existia antes da pandemia. No entanto, sabemos que, dependendo da cultura e do tempo os idosos são vistos como os sábios de uma comunidade, que ainda têm muito a contribuir, e ensinar e também como aqueles que demandam cuidados e gastos do governo, principalmente devido a problemas de saúde física e mental. A modernidade exige produtividade e pensa que o idoso não produz mais. No nosso mundo os idosos têm vivido mais. Na Idade Média um idoso de 45 anos não tinha dentes, sofria

⁷ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>>. Último acesso: 28 jul. 2020.

ECO-REBEL

de tantas desgraças que estava à beira da morte e morria. Para uma visão da questão ao longo do tempo, ver Quadro 1.

Quadro 1. A trajetória da velhice ao longo da história

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	PERCEPÇÃO/TRATAMENTO DO IDOSO
Povos pré-históricos	Praticamente deixavam morrer seus velhos
China de Confúcio	Todos os membros da família deviam obediência ao varão mais velho que, por decreto, era o chefe da casa
Egito (2500 a.C.)	A velhice era considerada a pior das desgraças
Judeus e Hebreus	O respeito pela velhice era conhecido
Roma e Grécia	A época romana foi a que teve o maior número de idosos na esfera do poder. Cícero negava a relação entre velhice e decadência, mas os clássicos gregos da época de Péricles apresentavam uma imagem pejorativa da velhice
Idade Média	Dava-se pouco valor à vida, principalmente a dos idosos. Os valores da juventude eram exaltados e muitos idosos foram reduzidos à mendicância
Renascimento	Também rejeitou o idoso. Respeitavam-se somente os anciãos ricos e poderosos
Reforma e Contrarreforma	Promoveram o respeito aos idosos
Revolução Industrial	Permitiu maior longevidade. Nas classes burguesas, o conceito de velhice melhorou e o ancião passou a participar da vida pública e do lazer de sua classe. Os operários, no entanto, quando já não podiam mais trabalhar, eram abandonados à própria sorte. Não havia um sistema social que lhes garantisse proteção. Os idosos, os mendigos e os doentes eram abandonados nas ruas
Meados do século XVIII	A sociedade passou a cuidar dos anciãos indigentes e enfermos
Final do século XX	Constituiu-se um novo ramo da medicina: a Geriatria
Atualmente	Existem muitos avanços no estudo do envelhecimento e mais consciência sobre a necessidade de proporcionar recursos aos idosos. Contudo, ainda há muito por fazer. Os idosos pobres morrem sem que se lute por eles. Os idosos atuais sustentam uma rede médica e é por isso que tem valor” para permanecerem vivos.

ECO-REBEL

Sociedades consideradas subdesenvolvidas (algumas etnias africanas)	O idoso recebe um tratamento preferencial. Seus conhecimentos são muito valorizados e transmitidos às novas gerações
Sociedades mais avançadas do ponto de vista cultural e tecnológico	Valoriza-se muito mais a juventude e a tecnologia

Fonte: Adaptado de Blasque (2015), com base em Nunes(2003)

No depoimento dos idosos que participaram desta pesquisa, é possível perceber que eles não se veem como aqueles que têm autoridade pelo conhecimento e experiência; eles não se reconhecem como o “velho sábio”. Ao contrário, eles assumem que ocupam um espaço desprestigiado em nossa sociedade e explicitam a necessidade de serem respeitados como cidadãos, indivíduos que têm direitos e querem viver, ainda que seu corpo tenha sofrido a passagem do tempo.

É importante destacarmos, antes de finalizar esta seção, que o cenário em que se encontram os idosos depoentes é de isolamento social em suas casas ou em casas de parentes. Viver na casa, no contexto atual, é mais uma condicionalidade, pois, no imaginário que sustenta a fala dos depoentes, percebe-se a morte da interação eufórica com suas famílias distantes e com seus grupos de amigos e a preocupação constante com seus entes queridos. É pelo medo de sua própria morte e de seus entes queridos e para driblar a morte por um tempo que muitos idosos compreendem a necessidade do isolamento social.

3 O medo está no meio de nós

Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999), o substantivo medo “é o sentimento de grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma ameaça”. Essa palavra tem como sinônimos: susto, pavor, temor, terror, receio. O medo é parte integrante de nossas vidas e, segundo Freud (2011, p143), nos chega por três vias: pelo corpo, que é predestinado ao definhamento, enfraquecimento; pelo mundo exterior; por nossas relações com os outros. Nesse sentido, ele não é apenas consequência de algo inato, mas é construído socialmente e, como qualquer emoção, pode provocar efeitos diferenciados segundo os indivíduos e as circunstâncias, ou até reações alternadas em uma mesma pessoa. Delumeau (2009, p. 30) aponta que, “[c]olocado em estado de alerta, o hipotálamo reage mediante mobilização global do organismo, que

ECO-REBEL

desencadeia diversos tipos de comportamentos somáticos e provoca, sobretudo, modificações endócrinas”. Dentre esses efeitos, estão:

Aceleração dos movimentos do coração ou sua diminuição; respiração demasiadamente rápida ou lenta; contração ou dilatação dos vasos sanguíneos; hiper ou hiposecreção das glândulas; constipação ou diarreia, poliúria ou anúria, comportamento de imobilização ou exteriorização violenta. Nos casos-limite, a inibição pode chegar a uma pseudoparalisia diante do perigo (estados catalépticos), e a exteriorização resultará numa tempestade de movimentos desatinados e inadaptados, característicos do pânico. Ao mesmo tempo, manifestação externa e experiência interior, a emoção de medo libera, portanto, uma energia desusada e a difunde por todo o organismo (DELUMEAU, 2009, p. 65).

Como se vê, o medo permeia os meios ambientes físico, mental, social e histórico dos seres humanos e certamente também dos não humanos. Embora sempre presente, o medo sofre alterações em suas formas de acordo com aquilo que sabemos ou não sobre as coisas do mundo ou de acordo com o contexto histórico em que vivemos, conforme podemos observar no Quadro 2, que também nos apresenta os medos mais comuns ao indivíduo contemporâneo, principalmente ao idoso, nosso objeto de análise.

Quadro 2. O medo no decorrer do tempo

Antiguidade	Idade Média	Século XIV à XVIII
A escuridão	O diabo	Revoltas populares
Animais predadores	Apocalipse	Guerras religiosas
Fenômenos da natureza	A peste negra	Bruxas
(tempestades, cometas	Os Vikings	Judeus
eclipses)	O mar	Fantasmas
	Fantasmas	O diabo
	Turcos e Mouros	Apocalipse
	Bruxas	O paganismo
	Os cavaleiros mercenários	
Século XIX	Século XX e XXI	
A tuberculose	A violência	
A sífilis	Os governos totalitários	
Fantasmas	Seres de outros planetas	
Vampiros	A AIDS e o Câncer	
	O terrorismo	
	A miséria e o desemprego	
	A Solidão	

ECO-REBEL

	Armas Nucleares	
	Pandemias – gripe espanhola: gripe asiática; cólera; febre amarela; coronavírus. desempregos Medo de não ter respiradores e UTI, principalmente para os idosos	

Fonte: Elaborado pelos autores com base no quadro que pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.psicoethos.com.br/si/site/010403>

Percebam como, da Antiguidade ao mundo moderno, as relações que os homens estabeleceram com o medo mudaram e adquiriram outras faces, exatamente porque muito do que não se conhecia se tornou conhecido ou por conta das mudanças políticas e culturais processadas e das descobertas trazidas pela ciência. Se o desenvolvimento científico, tecnológico e econômico tratou de derrubar alguns mitos relacionados ao medo, estudiosos do assunto não hesitam em buscar também na interferência humana na natureza a explicação para a insegurança sobre o vírus. Se o progresso foi encarado um dia como uma manifestação extrema de otimismo radical e esperança de uma felicidade duradoura, pelas promessas que trazia consigo, hoje ele “representa a ameaça de uma mudança que não promete paz nem repouso, mas crises e tensões contínuas, sem um segundo de trégua” (BAUMAN, 2009, p. 52-53). Continua o autor:

Em lugar de grandes expectativas e doces sonhos, a palavra “progresso” evoca uma insônia povoada de pesadelos: “ser deixado para trás”, perder o trem, ser atirado para fora do veículo por um movimento brusco. [...] Nós tentamos calcular e reduzir ao mínimo o risco de cairmos vítimas dos inúmeros perigos que a opacidade do mundo e seu futuro incerto nos reservam. Estamos totalmente empenhados em observar “os sete sintomas do câncer”, “os cinco sinais da depressão”, ou em exorcizar o espectro da pressão sanguínea e das altas taxas do colesterol, do estresse, da obesidade (BAUMAN, 2009, p. 53)

O medo, assim, funciona como formações que contam a maneira como agíamos antigamente (medo de bruxaria, medo do mar, medo do rei, medo da novidade) e estabelece a forma de constituição de quem somos hoje (medo do terrorismo, medo dos alimentos, medo da criminalidade, medo de doenças, bactérias e vírus). No contexto brasileiro, os discursos acerca da pandemia causada pelo coronavírus têm se tornado fontes inesgotáveis de medo generalizado. Hospitais de campanha são construídos para atender as vítimas do coronavírus; o número de mortos só aumenta; a grande mídia divulga diariamente o sofrimento de milhares de famílias que perderam seus entes queridos; ouvimos notícias de algum familiar ou conhecido que foi internado

ECO-REBEL

por causa desta doença. Nesse cenário, o medo do coronavírus chega ao idoso por meio do corpo, do fato de que este se encontra em fase de enfraquecimento. Seria decorrente da compreensão sobre a degradação que o vírus provoca no corpo de quem já se encontra nesta fase. O medo do coronavírus é visto e vivido por ele portar o sentido do sofrimento do corpo e da morte, por ser o portador do desconhecido. Segundo Almada (2011),

Desde os primórdios da humanidade, daquilo que nos é dado a conhecer, pelo menos, o sentimento do medo é inerente à ação e ao comportamento humano. O confronto com a natureza, a proteção mística contra o desconhecido, a luta pela sobrevivência, o inevitável desejo de posse, a tentativa de suplantar a dor física e o sofrimento, para ficarmos com alguns exemplos, são atitudes que caracterizam o relacionamento entre o homem e a sensação de medo.

Contribui para essa situação, o fato de que estamos sendo constantemente bombardeados com discursos sobre o que devemos fazer para nos proteger de um *mal invisível*: ficar em casa e se tiver que sair, usar máscaras, álcool gel, higienizar todos os produtos que são comprados, tomar banho e trocar as roupas quando voltar de qualquer ida às ruas, não receber visitas, manter distância de, no mínimo, um metro de outras pessoas. Tudo isso reforça a sensação de caos, caos que nos traz medo. Esse medo se intensifica no imaginário dos idosos quando eles percebem que os jovens são os que têm prioridade, recebem investimento médico e social, enquanto os mais velhos são relegados a um segundo plano, o que fica claro quando a mídia exhibe pessoas dessa faixa etária esperando por leitos de UTIs.

Na movência dos discursos de medo sobre o coronavírus, o coletivo social é apresentado como maior que cada um de nós, de modo que não é hora de o sujeito idoso ser sujeito, a não ser na condição de se adaptar dentro dos limites impostos a eles. Dessa forma, é na construção discursiva que observamos que esses discursos de medo visam à manipulação. Quando se diz que o coronavírus é pior para os idosos e que eles devem ter cuidados especiais, temos um medo criado pela sociedade não apenas com sentido de proteção, mas também um medo como criação humana, servindo aos interesses políticos e econômicos da manutenção da ordem social e médica. Esse medo passa a sustentar o ser e o estar dos idosos em seus discursos, na apreensão que ele sente de que algo venha a acontecer com ele e com seus familiares devido ao coronavírus.

As atuais dimensões da vida urbana moderna passam pela equiparação das áreas públicas a enclaves com acesso selecionado, pela segregação em substituição à convivência, pelo controle da vida dos indivíduos por meio da instauração de discursos que colocam os idosos como seres frágeis, observando apenas o biológico sem levar em conta o todo do idoso: meio ambiente mental

social, histórico e cultural, ou seja, o acervo de experiência e conhecimento de que é detentor. Considerando que o sentido não está apenas nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, em toda a ecologia da interação comunicativa, e que o sentido recorre à memória, ao interdiscurso, podemos dizer que os sujeitos trazem de suas experiências anteriores todo um discurso que se perpetua como uma retomada do já-dito, o pré-construído. Nesse sentido, é importante lembrar, também, que a afirmação de um discurso significa a negação de outro. Ao apresentar os idosos como frágeis e descartáveis, esses discursos deixam de lado o fato de que existem idosos sendo curados, idosos sendo produtivos, de que o diferente nem sempre representa um peso. Ao colocar jovens e idosos numa espécie de embate, esses discursos de medo segregam e afastam uns dos outros, estabelecendo uma relação não harmoniosa entre eles. Haveria outra saída para essa situação?

Considerações finais

Contam as narrativas mitológicas que Ares (deus da guerra) e Afrodite viveram um romance proibido, pois Afrodite era casada com Hefesto (exímio ferreiro). Assim que soube da traição, Hefesto preparou uma armadilha, uma rede invisível, na qual os dois amantes ficaram aprisionados, nus, passando grande humilhação pública frente aos deuses. Da relação amorosa extraconjugal e estressante entre Ares e Afrodite nasceram *Fobos* (deus do medo) e *Deimos* (deus do terror) (BRANDÃO, 2000). No imaginário dos idosos em relação ao medo do coronavírus, percebemos que eles vivem o mito de Fobos e Deimos, ou seja, o medo com suas duas faces: a defesa ou a fuga. A defesa está na aceitação de ficarem isolados e a fuga na eufemização quando dizem não pensar em outras coisas, como se ficassem imóveis, deixando os fatos acontecerem por si sós.

O sofrimento mental que os idosos sentem não é apenas pelo isolamento social. Somado a este temos o sofrimento produzido pela difusão do medo por uma mídia, dizendo que se tiver um respirador apenas, é o jovem que terá direito a ele. É possível perceber nos depoimentos que os idosos não consideram isso certo, pois acreditam que eles deveriam ser considerados *gente também*. Essa percepção coaduna com a proposta da ADE, de que toda vida tem valor intrínseco. Pelos depoimentos não há dúvidas de que alguns componentes do medo antigo e moderno se fazem presentes no contexto que vivemos da pandemia do coronavírus: dominação pelo temor,

ECO-REBEL

autoritarismo, imobilização dos indivíduos, sufocamento das resistências, como forma de controle (o coronavírus).

Entretanto, Fobos e Deimos também tiveram uma irmã: a Harmonia (BRANDÃO, 2000). Sendo a função do mito apresentar uma lição aos homens e a da ADE trazer uma proposta para diminuir a violência que leva ao sofrimento, devemos pensar na harmonização entre o medo e o terror por meio da adaptação dos idosos aos ecossistemas para sobreviver ao novo momento da pandemia. A ideologia da vida, o pano de fundo da ADE, propõe a equidade entre seres de qualquer espécie e está alicerçada numa ótica interventiva, em que se almejam desenvolver soluções viáveis para que a violência que causa tanto o sofrimento físico quanto o social e o mental nos seres vivos seja evitada ou reduzida ao mínimo. Apesar de parecer utópico, esse desiderato pode se tornar exequível, um movimento que visa desconstruir continuamente a ação violenta e estabelecer a harmonia por meio do engajamento contra a exploração e o preconceito, contra a degradação da natureza, contra tudo que se oponha à manutenção da vida. Não é uma solução final, já que o fato de o conflito muitas vezes gerar violência é inerente à natureza humana; é um modo de combater a desigualdade que produz sofrimento evitável em meio ao ambiente de vida.

Considerar o idoso como uma pessoa que já viveu seu tempo e como um ser não ativo, produtivo para a sociedade é não reconhecer o direito à cidadania, o que configura um ato imoral e antiético. Nas décadas de 50 e 60, já se sabia sobre o aumento considerável dos idosos nos tempos atuais. Se naquela época tivesse sido realizada uma ação política firme e projetos exequíveis na demanda por serviços para os idosos, eles não estariam colhendo os frutos amargos e contaminados que os tem levado à morte ou ao medo de precisar de um respirador, de morrer à míngua ou ir para um asilo para idosos. Além disso, a lei⁸ determina que o idoso tem prioridade absoluta no atendimento médico. Então, a escolha médica de ceder o respirador a um jovem – no caso de haver apenas um respirador – não está respaldada pela lei. A dificuldade de aplicação da lei está na falta de recursos financeiros destinados à saúde, no culto ao jovem e na falta de discernimento de que o processo de envelhecimento não diz respeito apenas às questões biológicas e de tempo. O envelhecimento deve ser visto como processo adaptativo e interativo dos ecossistemas naturais, biológicos, mentais, sociais, culturais e históricos.

⁸ *Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Último acesso: 28 jul. 2020.*

ECO-REBEL

O envelhecimento populacional é um fenômeno que acontece em ritmo acelerado em todos os países do mundo. Conforme estimativas, os idosos farão parte de um grupo maior que o de crianças com até 14 anos, em 2030. Em 2055, estima-se que o número de idosos será maior que o de crianças e jovens com até 29 anos. Em 2025, serão 64 milhões de velhos e, em 2050, um em cada três brasileiros será idoso. Embora marcada por alterações físicas, a velhice deve ser considerada através de fatores sociais, culturais, psicológicos, econômicos entre outros. Neste sentido, pode-se afirmar que o conceito de velhice é uma construção social complexa, indiretamente ligada ao tempo cronológico de vida e/ou às alterações físicas e psicológicas pelas quais os indivíduos passam ao longo de toda a sua existência. Além de ser uma construção social, uma produção histórica, assim como os outros períodos da vida, como infância e adolescência, o significado de velhice varia conforme a época. Portanto, ainda que seja difícil conceituar a velhice, visto que ela assume grande variedade de aspectos, inseparáveis uns dos outros, pode-se compreendê-la como fenômeno universal, enquanto parte do processo de desenvolvimento humano, assim como uma realidade individual, onde os atributos pessoais e a influência do meio são decisivos no processo de envelhecer. Para a ADE, a velhice é um estado natural de continuação da vida e não como um estado que antecede a morte. O idoso é um cidadão que também tem direito à vida, a uma sobrevivência digna de respeito.

Referências

- ALMADA, I. *A mercantilização do medo*. 2011. Disponível em: <http://boitempoeditorial.wordpress.com/2011/04/07/a-mercantilizacao-do-medo-coluna-do-izaias-almada/>. Último acesso: 28 jul. 2020.
- BAUMAN, Z. *Medo líquido*. Trad. C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BLASQUE, Roberta Maria Garcia. *Informações implícitas do texto: sentido e contrassentidos na publicidade para idosos*. UEL. TESE apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015.
- BRANDÃO, J. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- COUTO, E. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.
- COUTO, E.; SILVA, S. Análise do Discurso Ecológica: Ecolinguagem e ecoética. In: COUTO, E.; DUNDK-CINTRA, E.; BORGES, L. (orgs.). *Antropologia do imaginário, Ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014, p. 43-52.
- COUTO, H. Linguística Ecosistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 1, 2015, p. 47-81.
- COUTO, H.; COUTO, E. Por uma análise do discurso ecológica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 1, 2015, p. 82-104. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9968/8801>

ECO-REBEL

- DAMÁSIO, A. R. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1991.
- DELUMEAU, Jean. *A história do medo no ocidente*. Trad. M. L. Machado. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DURAND, G. *Estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- NAESS, A. *Ecology, Community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- SILVA, M. S. Coronavírus, ideologias e Análise do Discurso Ecológica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 6, n. 2, 2020, p. 90-106. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>

Aceito em 02/08/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.